

## Os *Graffiti* de Léon-Gontran Damas

Marcos Bagno  
Universidade de Brasília

Léon-Gontran Damas nasceu em 28 de março de 1912, em Caiena, na Guiana Francesa. Seu pai é mestiço africano-europeu; sua mãe, africano-ameríndia. Com um ano de vida, perde a mãe. A criança, asmática e de saúde frágil, vai ser criada pela tia Grabielle Damas, apelidada “Man Gabi”, que o formará numa educação burguesa à francesa. Aos doze anos, é enviado à Martinica, uma das Antilhas francesas, para estudar no Liceu Victor Schoelcher, onde terá como colega Aimé Césaire e como professor, Gilbert Gratiant. Alguns anos depois, vai concluir seus estudos fundamentais na França. Em Paris, trava relações com Léopold S. Senghor e reencontra Aimé Césaire. Assim, surge o tripé do movimento literário e intelectual que passará a ser conhecido como *Negritude*.

Para Damas, a *Negritude* é “a tomada de consciência de um estado de coisas que se caracteriza por três elementos: a colonização, a assimilação, uma vontade de integração humana”. Embora sempre mencionado com um dos três “pais fundadores” do movimento, Damas acabou por ficar marginalizado e hoje goza de uma posteridade menos brilhante que a dos outros companheiros. Talvez porque sua carreira política não tenha sido tão prestigiosa quanto a do deputado-prefeito Césaire ou do presidente Senghor. Além disso, em Paris, manteve-se afastado da revista *Présence Africaine*, que era o núcleo da cultura negra na capital francesa. Finalmente, sua poesia, mais bruta e rebelde, demasiado agressiva em alguns aspectos e, na aparência, mais “fácil” que a de Césaire e Senghor, não se presta tanto, talvez, à publicidade literária.

Léon-Gontran Damas é poeta da insurreição. No entanto, sua poesia também apresenta outro engajamento, o engajamento amoroso, no qual a mulher é idealizada numa tonalidade doce-amarga, às vezes com um lampejo de raiva que

beira o escárnio. Sua obra poética inclui *Pigments* (1937), *Graffiti* (1952), *Black Label* (1956), *Névralgie* (1966). Sua produção ensaística se compilou em *Retour de Guyane* (1938). Em prosa, temos os contos de *Veillées noires: contes nègres de Guyane* (1943). Morreu em 1978.

Escolhemos traduzir alguns dos poemas curtos da série *Graffiti*, os quais, como indica o título da coletânea, poderiam ter sido “rabiscados num muro”. Para tornar conhecido o autor, não por sua obra engajada, mas por sua poética amorosa, selecionamos, dos *Graffiti*, aqueles que têm por núcleo irradiador a mulher: amada, recordada, perdida, vista de passagem. São poemas de melancolia amarga (“minha aflição/de cachorro doido”), de tristeza prevista (“meu coração que se inquieta/e que já receia/um belo dia/ter de esperar-te em vão”) e de impaciência (“Deus como és bela/mas/lenta para ficar nua”). A aparente simplicidade da forma e da linguagem não deve nos enganar: por trás dos versos curtos, dos poemas rápidos, pulsa uma forte tensão, característica da voz rebelde de um poeta que foi também um homem de lutas incessantes contra o racismo e o colonialismo.

### *Graffiti*

COMO UM ROSÁRIO  
se debulha  
para o repouso  
de uma alma

minhas noites se vão  
de cinco em cinco  
em um silêncio  
de mosteiro  
assombrado

COMME UN ROSAIRE  
s'égrène  
pour le repos  
d'une âme

mes nuits s'en vont  
par cinq  
dans un silence  
de monastère  
hanté

\* \* \*

ELA VEIO

por Ela mesma

uma noite

rondar uma noite

em volta de minha aflição

de cachorro doido

de cachorro pelado

de cachorro muito cachorro

doido

pelado

Assim

sem mais

nasceu

o drama

ELLE S'EN VINT

d'Elle-même

un soir

rôder un soir

autour de ma détresse

de chien tout fou

de chien-tout-nu

de chien tout chien

tout fou

tout nu

Ainsi

sans plus

naquit

le drame

\* \* \*

PERDOA A DEUS QUEM SE ARREPENDE

de me ter feito  
uma vida triste  
uma vida rude  
uma vida dura  
uma vida agreste  
uma vida vã

pois

na orla da mata  
sob a qual nos surpreende  
a noite de antes de minha  
[fuga afroameríndia  
te confessarei sem fardos  
tudo de que em silêncio  
me incriminas

PARDONNE À DIEU QUI SE REPENT

de m'avoir fait  
une vie triste  
une vie rude  
une vie dure  
une vie âpre  
une vive vide

car

à l'orée du bois  
sous lequel nous surpřit  
la nuit d'avant ma fugue  
[afro-amérindienne  
je t'avouerai sans fards  
tout ce dont en silence  
tu m'incrimines

\* \* \*

EM VERDADE NÃO SEI  
de nada mais triste  
de mais odioso  
de mais horrendo  
de mais lúgubre no mundo  
que ouvir o amor  
durante todo o dia  
se repetindo  
em missa  
baixa

Era uma vez  
veio a passar uma mulher  
com os braços carregados de rosas

JE NE SAIS EN VÉRITÉ  
rien de plus triste  
de plus odieux  
de plus affreux  
de plus lugubre au monde  
que d'entendre l'amour  
à longueur de journée  
se répétant  
à messe  
basse

Il était une fois  
une femme vint à passer  
dont les bras étaient chargés de roses

\* \* \*

## DESEJO DE MENINO ENFERMO

por ter sido  
cedo demais privado do leite puro  
da única ternura verdadeira  
eu teria dado  
uma plena vida de homem  
para te sentir  
te sentir perto  
perto de mim  
de mim só  
só  
sempre perto  
de mim só  
sempre bela  
como sabes  
sabes bem  
tu só  
ser bela sempre

após ter chorado

## DÉSIR D'ENFANT MALADE

d'avoir été  
trop tôt sevré du lait pur  
de la seule vraie tendresse  
j'aurais donné  
une pleine vie d'homme  
pour te sentir  
te sentir près  
près de moi  
de moi seul  
seul  
toujours près  
de moi seul  
toujours belle  
como tu sais  
tu sais si bien  
toi seule  
l'être toujours

après avoir pleuré

\* \* \*

PELA JANELA ABERTA AO MEIO  
sobre meu desdém do mundo  
uma brisa subia  
perfumada de estefanote  
enquanto puxavas para TI  
toda a cortina

Assim  
te revejo  
te reverei  
sempre puxando para TI  
toda a cortina  
do poema onde

Deus como és bela  
mas  
lenta para ficar nua

PAR LA FENÊTRE OUVERTE À DEMI  
sur mon dédain du monde  
une brise montait  
parfumée au stéphanotis  
tandis que tirais à TOI  
tout le rideau

Telle  
je te revois  
je te reverrai  
toujours tirant à TOI  
tout le rideau  
du poème où

Dieu que tu es belle  
mais  
longue à être nue

\* \* \*

DE REPENTE NUMA CRUELDADE FINGIDA

me disseste com uma voz de

[saudades feita

me disseste ao me deixar ontem

me disseste que não poderias me ver

antes de dez a treze dias

Por que treze

e não quinze

e não vinte

e não trinta

Por que treze

e não doze

e não oito

e não dez

e não quatro

e não dois

Por que não amanhã

a mão na mão

a mão sobre o teu

a mão sobre o meu

a mão sobre o coração

de meu coração que se inquieta

e que já receia

um belo dia

ter de esperar-te em vão

SOUDAIN D'UNE CRUAUTÉ FEINTE

tu m'as dit d'une vois de

[regrets faite

tu m'as dit en me quittant hier

tu m'as dit de ne pas pouvoir me voir

avant dix à treize jours

Pourquoi treize

et pas quinze

et pas vingt

et pas trente

Pourquoi treize

et pas douze

et pas huit

et pas dix

et pas quatre

et pas deux

Pourquoi pas demain

la main dans la main

la main sur le tien

la main sur le mien

la main sur le cœur

de mon cœur qui s'inquiète

et qui déjà redoute

d'avoir un beau jour

à t'attendre en vain

\* \* \*



QUANDO A CONTRAGOSTO  
 muito a contragosto penso  
 que no braço de um outro  
 dormes

então  
 a cabeça entre minhas mãos ardentes  
 então meu coração meu coração  
 meu pobre coração doente  
 então somente me dou conta  
 do horror  
 do pleno horror  
 da feiura  
 toda a feiura  
 de uma vida estranha e minha  
 paredes azuis  
 paredes nuas  
 paredes brancas de hotel cinzento  
 paredes nuas de hotel cinzento  
 cobertas do nojo de um extenuante

[tique-taque

que importa  
 já que  
 a contragosto muito a contragosto  
 [penso que no braço de um outro  
 dormes

como de uma margem à outra  
 feliz e calma  
 a água dorme

QUAND MALGRÉ MOI  
 bien malgré je pense  
 qu'au bras d'un autre  
 tu dors  
 alors  
 ma tête entre mes mains brûlantes  
 alors mon cœur mon cœur  
 mon pauvre cœur malade  
 alors seulement je réalise  
 l'horreur  
 la pleine horreur  
 la laideur  
 toute la laideur  
 d'une vie étrange et mienne  
 murs bleus  
 murs nus  
 murs blancs d'hôtel gris  
 murs nus d'hôtel gris  
 qu'emplit l'éccœurement d'un éreintant

[tic-tac

qu'importe  
 puisque  
 malgré moi bien malgré moi  
 [je pense qu'au bras d'un autre  
 tu dors

comme d'une rive à l'autre  
 heureuse et calme  
 l'eau dort

\* \* \*

FAZ JÁ  
em breve  
três anos  
ferozmente hostil  
a todo arroubo  
à menor efusão

ao coração não resta  
mais que comprazer-se  
na rude e calma e dura  
saudade de dias  
que teria sido melhor  
jamais numa vida de homem  
ter visto luzir

DEPUIS BIENTÔT  
déjà  
trois ans  
farouchement hostile  
à tout élan  
au moindre épanchement

le cœur n'a plus  
qu'à se complaire  
dans le rude et calme et dur  
regret de jours  
qu'il eût mieux valu  
n'avoir jamais d'une vie d'homme  
vu luire

\* \* \*

## Referências bibliográficas

- ACHOUR, Christiane C. (2010). *Dictionnaire des écrivains francophones classiques*. Paris: Honoré Champion.
- DAMAS, Léon-Gontran (1956). *Black-Label et autres poème*. Paris: Gallimard.
- ROUCH, Alain; CLAVREUIL, Gérard (1986). *Littératures nationales d'écritures française*. Paris: Bordas.
- JOUBERT, J.-L.; LECARME, J.; TABONE, E.; VERCIER, B. (1986). *Les littératures francophones depuis 1945*. Paris: Bordas.